

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Nenhum seculo houve mais fertil d'estas Sevandijas que este; nenhum Reino mais abundante d'ellas, que o de Portugal; e nenhuma Côrte mais abarrotada que a de Lisboa. Eu a considero, eu a observo, eu a conheço bem de perto. Os Ladrões são muitos: os Velhacos innumeraveis...

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,
Os Burros.

A's vezes ponho-me a pensar — ao lêr os jornaes que todas as manhãs recebo de Lisboa — no que dirá de nós o portuguez de d'aqui a um seculo, o curioso da historia patria no anno de 1990, ao percorrer os documentos escriptos d'este **anno terrivel** de 1890 — como já lhe vae chamando o assaz optimista e assaz governamental *Jornal da Noite*...

Esse curioso da historia patria começará por fazer o balanço das crises, dos desastres e das vergonhas.

« — Morte d'el-rei Dom Luiz — Subida ao throno de um principe sem a experiencia e sem a pratica dos negocios publicos (*vidè discurso do sr. Serpa*) — Revolução do Brazil e proclamação da Republica —

Baixa do cambio brasileiro, affectando profundamente os interesses portuguezes — *Ultimatum* da Inglaterra — Lucta do gabinete Serpa Pimentel contra a explosão do patriotismo nacional, e este transformando-se pouco a pouco n'um grito de guerra contra as instituições — Desdem absoluto da Inglaterra pelas reclamações do gabinete de Lisboa — Roubo descarado das nossas colonias d'Africa oriental — A Inglaterra dispondo da navegação do Zambeze, rio portuguez, com tanto direito a ser respeitado como deve ser o Tejo ou o Douro — Campanha de diffamação empreendida em Paris pelos portadores de titulos de Dom Miguel, e conduzindo-o ao desastre do emprestimo de 9:000 contos — Perspectiva d'uma bancarrota em Portugal — Desacordo absoluto entre o governo e o paiz — Finanças do Estado arruinadas — Massacres de expedições portuguezas no interior d'Africa — Suicidio de Silva Porto, governador do Bihé, que aos 75 annos de idade se mata para não assistir a mais vergonhas e mais desastres coloniaes por parte de Portugal — A Allemanha e a Inglaterra caminhando de braço dado, para se apropriarem das nossas riquezas africanas», etc.

Eis o balanço dos factos mais salientes em junho de 1890. Estas são as crises, as vergonhas, os desastres, o que quer que seja como um terramoto politico, financeiro e colonial...

* * *

Agora o curioso vae vêr em que se occupava o governo portuguez, que medidas tomavam os paes da patria. E folheando os diarios verá:

«— Proibição de collocar ramos de flôres sobre o monumento de Camões e o tumulo de Vasco da Gama — Lisboa em estado de sitio para o cumprimento d'estas ordens — Prisão e reclusão n'um vaso de guerra dos oradores populares que quizeram protestar em *meetings* contra as violencias da Inglaterra — Suppressão da liberdade d'imprensa, de reunião e de associação — Tres sessões na camara dos pares para se discutir o melhor modo de validar as eleições dos pares electivos — Um antigo ministro da justiça annuncia ao parlamento que o governo e a maioria estão dispostos *a apitar*, quando surgirem novas desgraças — O presidente do conselho vem declarar á camara que «o Rei não tem a experiencia nem a pratica dos negocios publicos» — Os deputados mais celebrados nas gazetas passam as sessões em justas e torneios de vil rhetorica e insulsa ironia, a proposito da dictadura e da liberdade d'imprensa — O ministro da fazenda, depois do desastre financeiro de Paris, vem pedir augmento d'impostos, em vez de pedir redução de despezas, quando os orçamentos estão abarrotados com despezas inuteis e indecorosas — A Sociedade de Geographia de Lisboa come alegremente e solemnemente pastelinhos do Chire e alcachofras á Zambeze, no salão de S. Carlos — O presidente do conselho passa uma sessão a convencer a camara, de que foi uma alta medida governativa aproveitar a dictadura para separar Sobral de Mont'Agração do concelho da Arruda, attendendo á incompatibilidade de humores que havia entre estas duas terreolas de provincia — O ministro dos Estrangeiros appella constantemente para a *razão d'Estado*, para fugir á vergonha de declarar á camara o numero exacto de pontapés que lord Salisbury tem applicado a Portugal — Por imposição da Inglaterra é

demittido do logar de governador da provincia de Moçambique, Neves Ferreira, o bravo e illustre official da marinha portugueza — É feito fiscal dos consulados portuguezes na Europa, *com residencia em Paris*, logar absolutamente inutil, o antigo consul visconde de Faria, burocrata que faltou sempre ao respeito aos seus superiores, e cuja pessoa constitue a mais valente, a mais indecorosa e a mais aspirante sanguessuga do orçamento — O ministro dos Estrangeiros demitte do seu logar de ministro de Portugal em Vienna um antigo e respeitavel diplomata da carreira, immensamente considerado n'aquella côrte, para dar esse logar a um abastado capitalista, em cujas salas o sr. Hintze Ribeiro, quando opposição, se comprazia no inverno jogando a manilha e mais o voltarete — etc. — etc. — e mais etc....»

Eis uma ligeira ideia do que ha no activo d'este governo de dictadores sem força e sem ideias, para oppôr ás catastrophes successivas d'este **anno terrivel...**

*
* *

Que dirá de nós, de toda esta tropa de politicos e de comediantes, o historiador imparcial, no anno de 1990?...

Que odiosa sociedade!... Quem ha por ahi, que se orgulhe de ter sangue portuguez nas veias, que não córe de vergonha, quando se olha para tanta miseria e para esta desabrida farçada e feira politica?... Que não córe, quando se lembrar de que após esta geração virão outras que nos hão de julgar friamente, e que assim nos hão de classificar para todo o sempre, perante a Posteridade?...

Geração de 1890:— *Uma geração de insignificantes, de egoistas e de vendidos, sem ideias, sem enthusiasmos, sem fé e sem coragem, sem a mais leve consciencia do perigo, da decadencia e da miseria que atravessava a nação portugueza.*

Tal será a humilhante e degradante, mas justa etiqueta, que o historiador imparcial ha de pregar sobre o vosso vilissimo cadaver — etiqueta mais humilhante que todas quantas o sr. Oliveira Martins pregou sobre o cadaver da sociedade do cardeal D. Henrique, e mais do bragança João vi, antes e depois da fuga para o Brazil, diante da invasão do estrangeiro!

Mas que fatalidade é esta que assim nos perseque implacavelmente através dos seculos? . . .

Dos fins do seculo xvi para baixo, somos um povo miseravel e infeliz, ao qual de nada aproveita:—nem o bello movimento patriotico de 1640, feito mau grado João iv, que só accitou a corôa no dia em que o perigo tinha desaparecido;—nem o impulso dado á vida portugueza pela vontade de ferro do marquez de Pombal;—nem o movimento liberal de 1830, que foi cair n'esta escôla liberalona e fontista da centralisação desenfreada, do desprezo pela religião, do padre feito corrilho eleitoral, do mercantilismo das consciencias politicas, do triumpho insolente das bambochatas financeiras, das imbecis vaidades militares arruinando todos os annos o orçamento, e da corrupção do *voto* levando a intriga, a concussão, a perseguição e a immoralidade, desde a cidade até ao mais humilde logarejo . . .

Tanta corrupção publica, até lembra a phrase com que Rochefort classificou um dia a desmoralisação politica do tempo de Napoleão iii—*um verminato d'infamia e um crapulato de despotismo!* . . .

*
* *

Ora vejam como o quadro em 1890 é a copia fiel d'um quadro do seculo XVI, sob o reinado do cardeal D. Henrique. É tirado da *Historia de Portugal* do sr. Oliveira Martins:

As mulheres galanteavam, os homens vendiam-se, e o cardeal D. Henrique resava e chorava, sem saber como decidir-se.

.....
Assim como a onda da miseria viera crescendo, invadindo e afogando, assim nascera a loucura... Era uma loucura feroz, um terrorismo de desespero: como se deu em toda a parte, quando desgraças calamitosas desequilibram as forças collectivas, acclamando as ambições vulgares, e dando o mando ás plebes e aos facinoras.....

Não houve protestos contra a perda da independencia?... (*aqui pôde lêr-se: «contra os ataques da Inglaterra.»*) Houve; mas de tal natureza, que são mais uma prova da incapacidade da nação para a defender.

*
* *

Vejam agora o que se passava no começo d'este seculo, nos tempos do bragança João VI, fugindo para o Brazil com medo da invasão dos exercitos de Bonaparte. É ainda o sr. Oliveira Martins quem nos pinta admiravelmente o quadro:

Tal era o Portugal-Bragança, *restaurado*, ao que se disse. Para consolidar uma dynastia, cedeu-se o Oriente aos holandezes; e se não se perdeu o Brazil, foi porque elle proprio soube defender-se. Depois enfeudou-se o reino aos in-

glezes; e por cima de tudo isto aceitava-se o santo e a senha dos jesuitas...

E uma série de doidos, de maus, ou de idiotas, levados pelo braço dos negociantes jesuitas e inglezes, pupillos de uns, prebostes de outros, disseram-se reis de um reino que era uma sombra, animada por um unico sonho vivo: o *sebastianismo*.

Por toda a parte rebentavam symptomas de gangrena. Não eram só os documentos da inepecia ingenua: eram tambem certos protestos de um espirito revolucionario, que entrava em Lisboa por via maritima, e no reino por intermedio dos sabios e fabricantes estrangeiros importados pelo marquez de Pombal.

Um rumor surdo de tempestade começava a ouvir-se; presentia-se um grande terramoto.

Quem resistiria ao destino armado? quem faria face a Napoleão? Não seria o principe-regente, nem a rainha doída, nem as altas classes ensandecidas, nem o povo faminto, indifferente, sebastianista. A' voz do verdadeiro Anti-Christo portuguez, que foi Junot, desabou tudo por terra: a nação, roída nos ossos pelo termita infatigavel, o *jesuita*, nem era já o esqueleto, era apenas o pó de um cadaver.

Quem faria face á Inglaterra?... Não seria o Rei, sem a experiencia e sem a pratica dos negocios publicos, nem as altas classes ensandecidas, nem o povo miseravel e faminto. A' voz do verdadeiro Anti-Christo portuguez, que foi lord Salisbury, desabou tudo por terra: a nação, roída nos ossos pelo termita infatigavel, o *syndicateiro*, nem era já o esqueleto, era apenas o pó de um cadaver!...

*
* *

E comtudo o cadaver ainda póde resuscitar e caminhar!... Porque um povo, por mais decadente que esteja, no momento das grandes calamidades,

ainda encontra elementos de vida e de renascença. Haja vista á França, depois dos desastres da guerra e da communa . . .

O que nos falta é um homem!—um homem para nos guiar e para nos dar fé no futuro, um homem para acordar e consolar a nossa alma adormecida e descrente, um homem como Gambetta . . .

Pois já não haverá em Portugal um homem bastante ambicioso de gloria, e bastante amante da sua patria, para reunir todos os bons elementos dispersos, e pôr-se á testa d'um grande movimento nacional? . . .

Pois já não haverá em Portugal um homem de talento, de coração ou de espada, para agrupar em torno de si as boas vontades e intelligencias da Geração nova, e dar o assalto do Poder, e salvar do abysmo da bancarrota, do judaismo financeiro e da corrupção centralisadora—um dos mais bellos, dos mais formosos, dos mais ricos e dos mais sympathicos pequenos paizes da Europa? . . .

Pois já não haverá em Portugal homem bastante ambicioso de gloria, para vêr o seu nome coberto das mais lindas corôas e das mais lindas palmas, para vêr o seu nome festejado, abençoado e aclamado por todo um povo, como foi o nome de Gambetta pelo povo francez?! . . .

Vamos! grande homem mysterioso e ignorado! Põe de parte o teu scepticismo, o teu pessimismo, o teu buddhismo, a tua indolencia, ou a tua indifferença!

Vamos! grande homem mysterioso e ignorado! Um povo inteiro está á espera da tua audacia gloriosa, para te levar em triumpho!

Vamos! grande homem mysterioso e ignorado!
Surge et ambula! . . .

A'cerca da missão colonial do sr. Marianno de Carvalho, esta reflexão se impõe a todos os espiritos medianamente criticos.

Em 88-89 a opposição *regeneradora*, para conquistar o Poder, baseou o seu plano de ataque em zurros, guinchos, uivos e carteiras partidas, durante as sessões parlamentares. Ao governo *progressista* não havia injurias nem calumnias com que não atirassem. O principal alvo era o sr. Marianno de Carvalho:—concussionario, Catão de sêbo, syndicateiro, ladrão, cynico, e mais insultos d'este jaez. Dir-se-ia que a funcção parlamentar de cada deputado *regenerador*, e em especial do sr. João Arroyo, consistia em despejar todos os dias sobre o sr. Marianno de Carvalho, o seu vaso de dejecções...

Mudam-se as scenas. Os *regeneradores* são hoje governo, e os *progressistas* opposição. O sr. Marianno de Carvalho acena ao governo com um projecto de inquerito, organização e reforma colonial. Os *regeneradores*, que andam famintos por ideias originaes, agarram-se ao projecto com unhas e dentes, para vêr se podem á sua sombra lamber-se com uma *réclame* que os doire por algum tempo...

E passa agora o sr. Marianno de Carvalho a ser o *illustre* parlamentar, o *abalizado* economista, o *eminente* professor, o *grande* patriota...

Moral *regeneradora*:—Quando um homem superior não pertence ao nosso partido, não faz parte da nossa egrejinha, esse homem deve ser apontado como um *imbecil* e um *pulha*. Mas quando esse homem, n'um dado momento, nos póde ser util, passará a ser apontado como um *genio* e um *Catão!*...

Depois d'estas tristes e desconsoladoras reflexões, fallece-me o animo para rir, como convinha, d'esse monologo parlamentar chamado *Parecer sobre o bill de indemnidade*, declamado na camara pelo proprio auctor, o sr. conselheiro Pinheiro Chagas.

Quando na hora grave se ouvem tantos sophismas, tantas chinezices e rabulices parlamentares; quando se olha para a Europa, e se vê em que ora pensam as nações, e como todas andam agitadas pelos mais complicados problemas sociaes e economicos; quando *estamos a dansar sobre um volcão* (como já dizia M. de Salvandy ao duque d'Orléans, dois mezes antes da quéda de Charles x) sem se saber o que será ámanhã de toda a Europa, e principalmente dos pequenos Estados; e olhamos para o que se está passando no parlamento — ai! ficamos pasmados com tanta insensatez, com tanta ignorancia, ou com tanto cynismo!

Meu pobre e querido paiz! Em que mãos cahiste!...

*
* * *

De resto, o parecer do sr. Pinheiro Chagas ácerca da dictadura *regeneradora* reduz-se a muito pouco, — apesar do enorme phraseado rhetorico, que nós já conheciamos da *Morgadinha de Valflôr*, e com que s. ex.^a procura encobrir os actos de força e de repressão do actual gabinete. É este o seu defeito fundamental.

O sr. Pinheiro Chagas tem por principio tratar a *politica* sob o mesmo ponto de vista romantico e rhetorico com que outr'ora tratou o *theatro*... Imagina que os problemas sociaes e economicos se re-

solvem com o mesmo palavreado sonoro e brilhante, com que o dramaturgo deleita os ouvidos d'uma plateia—quando é preciso, no 5.º acto, fazer triumphar a Virtude e castigar o Vicio...

Mau systema!—porque a politica só quer ideias; emquanto que o theatro pôde passar sem ideias, e contentar-se apenas com phrases. Nem com isso perde o nome do auctor, nem a paciencia do publico. Um drama tanto pôde ser a analyse d'um problema do coração humano, como uma gymnastica de palavras. O sr. Pinheiro Chagas é partidario do segundo systema—do systema da rhetorica pela rhetorica, da phrase pela phrase...

Em litteratura ainda se tolera. Em politica pôde acarretar desastres para um povo, e assim tem sido em Portugal ha sessenta annos,—porque só em palavreado assenta a escóla do *liberalismo* portuguez, de que o sr. Pinheiro Chagas é um dos mais illustres, dos mais ôcos e dos mais sonoros ba-luartes...

* * *

O tal parecer sobre o *bill de indemnidade* podemos reduzir-o ao seguinte:

—«A dictadura é um crime!... É um crime quando é assumida pelos *progressistas*! Mas quando é assumida pelos *regeneradores*, a dictadura é um acto de patriotismo e uma prova de coragem civica!...»

Assim posta a questão, escreve-se com este thema um parecer em cinco actos, dez quadros, um prologo e um epilogo, para ser representado no theatro de S. Bento... Foi o que fez o sr. Pinheiro Chagas!

Mas permitta-me o illustre redactor do *Correio da Manhã* que eu lhe reedite a seguinte maxima politica, que se encontra n'um dos seus livros originaes, — e que é a melhor critica aos actos do actual governo:

No nosso seculo, quando os governos, *desamparados pela opinião publica*, pretendem sustentar-se, apoiando-se na violencia; *quando suffocam o pensamento e a palavra*; quando intentam *essa obra nefanda da asphyxia de uma nação*, **a sua perda é inevitavel e proxima!**

Mas como é que o sr. Pinheiro Chagas — o vermelho e demagogico auctor dos folhetins contra S. M. a rainha D. Isabel II de Hespanha — tem nos seus livros uma opinião politica totalmente opposta ás suas opiniões quando é governo, ou amigo d'um governo? . . .

Oh chimicos do seculo XIX! Que veneno é este que se respira nos corredores de S. Bento?! . . .

A exoneração de Neves Ferreira do logar de governador da provincia de Moçambique, evidentemente a pretexto de *facilitar* as negociações diplomaticas entre o gabinete de Lisboa e o de Saint-James — é um dos actos mais revoltantes que se teem praticado, desde o dia 11 de janeiro de 90.

O governo supprimiu a liberdade d'imprensa, a pretexto de que certos jornaes da opposição injuriavam os ministros, chamando-lhes *vendidos á Inglaterra*. Confesso que semelhante accusação me repugna; e que considero estes ministros tão vendidos á Inglaterra — como eu, ou tu, leitor . . .

Mas se não ha no gabinete *vendidos*, ha com certeza *submissos*! E quando vemos exonerado do seu logar um dos mais bravos e dos mais illustres officiaes da marinha portugueza, em seguida ás provas de coragem e de patriotismo que deu em Africa, resistindo nobremente aos Johnstons e outros traficantes inglezes — ficamos assombrados, sem saber o que se anda minando por debaixo de toda esta politica *regeneradora*, sem saber se nós, portuguezes, estamos ou não, de corpo e alma, empenhados á Inglaterra...

Neves Ferreira foi exonerado do seu posto, quando acabava de cumprir com o seu dever de soldado e de patriota. Neves Ferreira só podia ser exonerado, porque a sua attitude corajosa e digna desagradou a lord Salisbury!...

*
* *

Quem conhece o valente e glorioso marinheiro que tem passado a vida a trabalhar e a lutar pela prosperidade das nossas colonias; quem conhece o bravo official da marinha portugueza, que tanto se empenhou e tanto fez pela organização administrativa e militar da nossa provincia do Congo, — não póde deixar de vêr na sua exoneração um mysterio politico bem humilhante para os brios nacionaes...

Neves Ferreira está acostumado a não pestanejar e a não torcer diante do inimigo; está acostumado a lutar, não nos salões onde os diplomatas palram, mas no campo de batalha onde palram as metralhadoras!

Ora vir arrancar do seu posto de honra um tão brioso official, é dizer claramente ao paiz:

— «Os inglezes não se podiam haver com Neves Ferreira... E como nós queremos estar em boas relações com esses inglezes que nos roubam e nos insultam quotidianamente, resolvemos tirar Neves Ferreira de Moçambique!...»

Decididamente o governo deve aproveitar a minha ideia, e crear e organizar quanto antes um

Ministerio das humilhações publicas.

Não faltarão pretendentes para a pasta — tal é a febre que ha hoje em Portugal de ter uma pasta encarnada, uma casaca bordada, um chapéu armado e um espadim, mesmo quando essa pasta só sirva para archivar os pontapés de lord Salisbury e os insultos do syndicato dos titulos de Dom Miguel.

Alguns especialistas até já notaram mais ancia da parte dos srs. deputados em terem uma *pasta* — do que em terem uma *ideia*!...

Os agentes provocadores do governo, não contentes em me injuriarem nas folhas, assim em prosa como em verso, porque tenho a ousadia de não estar d'accordo com as endróminas diplomaticas do sr. Hintze e com as leis de funil do Inquisidor-mór sr. Lopo Vaz — passam agora o tempo enviando-me para Paris uma alluvião de cartas anonymas, onde despejam as mais immundas expressões, sem conta, nem medida. E' um verdadeiro enxurro...

Não me surprehende que esses agentes provocadores se permittam taes gastos com correio, quando me lembro que este governo desbarata quarenta

contos, de cada vez que o sr. conde de Burnay se permite a phantasia e o luxo de praticar a caridade! As estampilhas de meio tostão com que os governamentaes me estampilham os insultos e as injurias, estou certo que ainda hão de apparecer no orçamento rectificado d'algum ministerio... Talvez do ministerio da instrucção publica!

Ouso lembrar aos agentes provocadores, jornalistas e outros baluartes d'esta situação que está a estalar por todos os lados, por falta de cobres — que as injurias postaes com que resolveram mimosear-me, me deixam absolutamente indifferente... De cada vez que a injuria me chega ás mãos, impressa, ou em carta fechada, logo a sirvo ao almoço, entre o queijo e os morangos, a algum amigo que tenho á mesa.

Já percebemos que a injuria *regeneradora*, tomada á sobremesa, em grandes ou pequenas doses, é um precioso elixir contra os ataques de hypocondria, resultantes da figadeira e mais da dictadura.

Mandem mais! mandem mais!...

Uma pergunta, para fechar:

— «Por quanto sahiria ao Estado a festa que o sr. conde de Burnay deu á alta sociedade lisbonense, no seu palacio da Junqueira, quando lhe mostrou os pretinhos de Catumbella?...»

Desde o momento que o sr. conde pratica as virtudes theologaes por conta do governo — a razão de 40 contos cada virtude — nada mais natural do que praticar tambem, por conta do governo, o prazer, o luxo, a gula, e outros peccados correlativos...

Os contribuintes portuguezes, depois da leitura do tal orçamento rectificado do ministerio do reino, parece-me que podem dirigir perguntas como esta, ao sr. Burnay, quando o encontrarem na Avenida:

— «O' sr. Burnay, faz obsequio! Por quanto sahiu ao Estado a bella sobrecasaca que traz vestida?... E por onde foi paga?... Pelo ministerio do reino, ou pelo das obras publicas?...»

*
* * *

Começamos agora a perceber a razão porque o governo procurou supprimir a liberdade d'imprensa — porque ha muitos orçamentos rectificados a publicar e a discutir.

Ah! famintos!... Quem eu vos queria á perna era aquelle *Ruy Blas* de Victor Hugo, apostrophan-do os ministros do rei de Hespanha, bons ministros para um paiz agonisante, com um Rei sem a experiencia e sem a prática dos negocios publicos...

Bon appétit, messieurs!—O ministres intègres!
Conseillers vertueux! voilà votre façon
De servir, serviteurs qui pillez la maison!

.....
Donc vous n'avez ici pas d'autres intérêts
Que remplir votre poche et vous enfuir après!
Soyez flétris, devant votre pays qui tombe,
Fossoyeurs qui venez le voler dans sa tombe!...

Mariano Pina.